

Mário Santiago de Carvalho, *The Chinese Notebook. Five lectures on Conimbricence Philosophy at Sun Yat-Sen University*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2025. ISBN 978-989-26-2680-2

*The Chinese Notebook* resulta da lecionação de 5 seminários a estudiosos da Universidade de Sun Yat-sen, na China, e tem por objeto a chamada “Escola de Coimbra”, tópico a que o Professor Mário Santiago de Carvalho tem consagrado, desde há várias décadas, muito do seu labor investigativo e cujo ápice corresponde à publicação em linha da enciclopédia *Conimbricenses.org*.

Fazendo incidir as lições – e consequentemente os capítulos do livro – sobre Manuel de Góis (1543–1597) e Sebastião do Couto (1567–1639), o autor vai folheando quase *par cœur* o Curso Jesuítico de Coimbra com a desenvoltura de quem, possuindo um exímio domínio da língua latina, transmite um saber respaldado numa aturada e paciente análise comparativa dos textos, atenta às suas singularidades e aos desafios histórico-filosóficos:

The five centuries that separate us from these texts demand a great deal of historical, philosophical, and theological learning on the part of the contemporary interpreter/reader not to mention other fields that will be brought forth ahead. Along with a considerable amount of erudition, the reader’s attentiveness is required, not only on account of the features just mentioned, but also because of the constant use of the latent and crisscrossed style that emerges from the arguments and from the structure of this particular genre of philosophical literature.  
(p. 9).

Se revisitar Aristóteles através das lentes da Companhia de Jesus (pp.11-12) envolve a compreensão do *modus scribendi* e do *modus philosophandi* dos comentadores, num movimento de aproximação aos textos sem juízos anacrónicos, por outro autoriza que o leitor competente se junte à aventura interpretativa sem que as desinteligências da distância temporal e a aridez do estilo o desencorajem.

O périplo selecionado em *The Chinese Notebook. Five lectures on Conimbricence Philosophy at Sun Yat-Sen University* não só permite uma leitura mais fina (uma espécie de abordagem em *close up*) dos Comentários conimbricenses, como nos convida a guiarmo-nos pela análise hermenêutica rigorosa do autor. Além de se assinalarem divergências doutrinárias entre os próprios jesuítas na transmissão do aristotelismo (pp. 18-19) — daí que Manuel de Góis seja, em certos momentos, acusado de parricídio, ao acolher influências neoplatónicas no ensino da *Física* — atenta-se na identificação de afinidades entre os Comentários e a filosofia moderna (pp. 24-25). Uma viagem com estes contornos confere, sem dúvida, maior fulgor temporal e geográfico ao Curso.

Com efeito, a este propósito, Mário de Carvalho lembra as sugestivas ligações existentes entre o aristotelismo jesuíta, nomeadamente o horizonte metafísico representado por Francisco Suárez (1548–1617), e grandes pensadores da filosofia ocidental como René Descartes (1596–1650), G. W. Leibniz (1646–1716), George Berkeley (1685–1753) ou até, de forma mais insuspeita, G. W. F. Hegel (1770-1831).

Na senda dessa projeção internacional da Companhia de Jesus, destaca-se a relação estabelecida entre o ensino jesuíta, tal como veiculado em La Flèche — e a formação do jovem Descartes, nomeadamente no que respeita à tese discutida na *Lecture I*, segundo a qual não existiria diferença entre o ato da criação e o ato da conservação. Na verdade, o filósofo francês apropriou-se dessa tese e desenvolveu-a nos seus *Principia Philosophiae*:

Whereas Descartes will prove God's existence from the persistence of objects through time, his knowledge of the older manual from Coimbra at La Flèche would have shown the young Descartes that persistence has its roots in pure matter and ultimately results from God's power.

(p. 24).

Este exemplo é elucidativo do método que atravessa *The Chinese Notebook*: um trabalho filologicamente rigoroso que, sem desligar os textos do seu contexto escolástico, os situa numa história mais ampla da filosofia europeia. Nos próximos parágrafos, apresentamos as principais linhas de cada uma das *Lectures* e os conceitos nucleares que as norteiam.

No primeiro capítulo, aborda-se a noção de matéria (pp. 17-34) que, ao integrar o contributo neoplatónico via Plotino (204/5–270) e a teoria da criação divina, se ressemantiza e se distancia da discussão fundacional: “Matter did really matter, but it was no longer Aristotle's concept of matter anymore” (p. 34). O Curso Jesuítico de Coimbra permite redefinir a matéria como uma realidade criada e incorruptível que, pela sua maleabilidade radical, atua como o fundamento inteligível que une a natureza física à ordem metafísica divina.

No segundo, trata-se da causalidade eficiente e da estrutura «hipertextual» (a palavra, disseminada na cultura digital, pode soar desconcertante, mas é usada aqui, na esteira de Wakúlenko, para fazer ressaltar o mosaico de autores implicado no ensino da Física (pp. 35-60). Com efeito, embora a abordagem assente na autoridade de Tomás de Aquino (1225–1274), Manuel de Góis propõe uma abertura dialogante com outras doutrinas, tais como as de Avicena (980–1037), João Duns Escoto (1266–1308) e Guilherme de Ockham (1287–1347).

Na terceira lição, dedicada à cosmologia e à leitura de *De Caelo* na pré-história de uma “revolução cosmológica” (pp. 61-78), ilustra-se uma transição e uma diferença. Ao flexibilizar a autoridade das escolas tradicionais e superar as limitações da física de Averróis (1126–1198) até ao avanço de Galileu Galilei (1564-1642) que, na sua juventude, conhecia a produção filosófica de Soto que também será acolhida pelos conimbricenses sobre filosofia natural e lógica aristotélica, o autor evidencia tudo o que separa a ciência moderna e a aristotélica.

O quarto capítulo retoma a ideia de uma «enciclopédica das ciências filosóficas» (pp. 79-106), designação que nos remete para um título célebre de Hegel. Mário de Carvalho alerta para o facto de ela dever ser interpretada de forma holística e dialeticamente, pelo eixo filosófico, e fenomenológico, que junta as camadas da filosofia da lógica (*Dialectica*, 1606), filosofia da natureza (*Physica*, 1592; *De Coelo* 1593; *Generatione et Corruptione*, 1597; *Metereologica*, 1593; *Parva Naturalia*, 1593), e filosofia do espírito (*Physica; Caelo; De Anima* 1598; *Categoriarum*; 2 *Analyti-*

*corum; Ethica; Tractatus de Anima Separata*) dos vários volumes dos Comentários Jesuíticos de Coimbra. Assim entendida, falar de «enciclopédia», representa uma enorme alteração na maneira tradicional de se entender o Curso Jesuíta. Explicando a novidade: em vez de ele ser lido ou interpretado em função dos vários volumes que o integram, isoladamente, todo o Curso reaparece numa inédita unidade orgânica que não autoriza mais a leitura atomizada dos volumes.

Em quinto lugar, examina-se o estatuto da dialética, entendida como *modus disserendi* jesuíta ou *ars sive doctrina disserendi* (pp. 107-126), a qual, segundo o medievalista, se define como a arte do discurso e instrumento essencial de descoberta. Assente na circularidade entre a dialética natural (capacidade racional inata de raciocinar e discursar) e a dialética artificial (a dialética enquanto técnica ou ciência ensinada, com regras formais), a *dialectica* que Sebastião do Couto nos legou constitui o «‘cogito’ universal conimbricense» (p.149), na interpretação do autor, assaz evidente nesta quinta e última *Lecture*:

Reasoning is the first (and in some cases the ultimate) indication that we exist as humans. Basically, every human being inscribes himself or herself onto humanity by developing his or her natural skills as a dialectician, embodying the vast spectrum of reasoning as much as possible.

(p. 126).

Ao longo da obra, o Professor Mário Santiago de Carvalho evidencia a tensão constitutiva do Curso Jesuítico de Coimbra entre fidelidade à autoridade aristotélica – um *filum doctrinae* (fio da doutrina) – e abertura a desenvolvimentos conceptuais que a ultrapassam, nomeadamente através da introdução de categorias de matriz neoplatónicas – Plotino como suprarreferido –, teológicas e cosmológicas que surgiam ao sabor da ‘epoché’.

Neste sentido, a análise das lições revela que os professores jesuítas não se limitavam a reproduzir Aristóteles de forma unívoca, mas que o seu ensino era fruto da diversidade de orientações doutrinárias, das escolhas pedagógicas dos mestres e das interpretações teológicas que se foram acumulando ao longo do tempo:

After all, to do philosophy consists mainly in interpreting Aristotle’s texts systematically and teaching them accordingly, however several teachers, manuscripts, trends, and questions show that it would be too simplistic to think that the Conimbricense Jesuit Course could mirror the philosophy taught by all the Jesuits professors who have walked through the Conimbricense and Portuguese Jesuit colleges.

(p. 149).

Além disso, ao mapear a receção dos *Comentários* nos séculos XVII e XVIII, o autor demonstra como estas obras atuaram como verdadeiros “mediadores filosóficos” num contexto transcultural. A evidência histórica é irrefragável: a tradução e adaptação de tratados fundamentais – exemplificada em obras como o *Mingli Tan* 名理探 (*Investigação das Regras de Lógica*), o *Huan You Quan* 寰有詮 (*Explicação da Totalidade do Universo*), o *Lingyan lishao* 靈言蠡勺 (*Humilde Tentativa de Discutir Assuntos Pertinentes à Alma*, 1624) ou o *Xingxue cushu* 性学概述 (*Uma Breve Introdução ao Estudo da Natureza Humana*, 1623) – revela que o Curso Jesuítico de

Coimbra, atravessando milhares de quilómetros, firmou o encontro entre a escolástica europeia e a elite intelectual chinesa.

Na conclusão, o autor adverte para a importância de se conhecerem bem os Comentários antes de se indagarem, de forma precipitada, as eventuais tradições filosóficas que os marginam. No nosso entender, a obra cumpre o seu desígnio, uma vez que, por um lado, ensina ao público não especializado que os Comentários Conimbricenses possuíam uma estrutura robusta aplicável à realidade académica da sua época, mas simultaneamente flexível para se disseminar por latitudes bem distintas; e por outro, presenteia os leitores que dominam o tema com uma aproximação cirúrgica, com olor a novidade, por aspetos com valor simbólico-literário (a rémora - na Leitura 2), e mítico (Taumas e a filha Íris evocados na genealogia da artes e das ciências – leitura 4) que revelam que por detrás de uma arquitetura escolástica, árida, também se perfilam motivos poéticos e fantasiosos.

O valor de *The Chinese Notebook* é consolidado também no seu *Appendix* (pp. 127-145), onde se traça sintética e claramente o domínio da filosofia natural na tradição escolar manuscrita na origem do Curso Jesuítico, a dinâmica de publicação dos volumes e a sua estreita consonância com finalidades pedagógicas.

José Miguel Mota  
Universidade de Coimbra  
miguelmota230@gmail.com  
ORCID: 0009-0003-3812-0219  
DOI: [https://doi.org/10.14195/0872-0851\\_69\\_15](https://doi.org/10.14195/0872-0851_69_15)